

MARIA BERNADETE B. DE OLIVEIRA

UMA VIDA SIMPLES



EDITORA RECANTO DAS LETRAS

MARIA BERNADETE B. DE OLIVEIRA

UMA VIDA SIMPLES



EDITORA RECANTO DAS LETRAS

MARIA BERNADETE B. DE OLIVEIRA

UMA VIDA
SIMPLES

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© Maria Bernadete B. de Oliveira

Editora Recanto das Letras
editorarecantodasletras.com.br

Coordenadora editorial: Cassia Oliveira
Revisão do texto: Maciel Salles
Diagramação: Michael Vasconcelos
1ª edição – janeiro de 2020

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Oliveira, Maria Bernadete B. de
Uma vida simples / Maria Bernadete B. de Oliveira. --
São Paulo : Recanto das Letras, 2020.
100 p.

ISBN: 978-85-7142-069-4

1. Ficção brasileira I. Título

19-2579

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira

A HORA GRAFADA

De noite no mato as árvores pareciam
uma águia acabada de pousar,
um anjo saudando,
um galo perfeitinho,
uma ave grande vista de frente.

De noite no mato, as vivas figuras enraizadas,
prontas a falar ou bater asas.

(Adélia Prado)

DEDICATÓRIA

Às coordenadoras do primeiro Curso Livre de Escrita Literária da Baixada Santista, Carolina Zuppo Abed e Milena Graziela Silva Santos, e aos colegas que fizeram parte, assim como eu, da turma de 2017.

SUMÁRIO

Prefácio	11
Capítulo 1	15
Capítulo 2	19
Capítulo 3	25
Capítulo 4	31
Capítulo 5	35
Capítulo 6	39
Capítulo 7	41
Capítulo 8	49
Capítulo 9	55
Capítulo 10	61
Capítulo 11	67
Capítulo 12	71
Capítulo 13	75
Capítulo 14	79
Capítulo 15	85
Capítulo 16	89
Capítulo 17	93
Capítulo 18	95
Biografia	97

PREFÁCIO

Uma vida simples. O título diz muito sobre a história contada neste livro. Ao ler as páginas a seguir, leitora e leitor, você poderá ter a ideia de que há uma personagem principal. Sim, podemos dizer que há uma protagonista em tudo que nos é contado, mas não é só isso.

Enquanto a história vai-nos sendo narrada — de maneira serena e com detalhes acrescidos, capítulo a capítulo, a respeito da trajetória da personagem e do modo como ela se relaciona com os familiares e as pessoas —, passo a passo, os detalhes são entretecidos e a trama da história permite-nos vislumbrar a imagem da mulher a partir da qual *Uma vida simples* faz brotar as palavras.

Ou seja, a história vai fluindo e nos orientando à compreensão da importância do que sente, do que faz, dos conhecimentos que a octogenária Vó Romena transmite ao longo do que nos é narrado sem que haja separação entre corpo e mente. Afinal, pelo que pensa e pelas ações, a cultura e a história estão imbrincadas, assim como as águas e as margens formam um rio.

E navegamos, com a narrativa a mostrar-nos que há a relação simbiótica entre Vó Romena e o mundo, isto é, a história deixa-nos ver que existe unidade entre a natureza exterior e a natureza interior de Vó Romena.

Há escolhas e acasos, distâncias e acolhimentos, o que se diz e o que se ouve, o semeado e o colhido, mas o essencial da vida está no modo como nos relacionamos com o que nos é oferecido ao longo da nossa jornada na terra. Possibilitando-nos a consciência de que as pessoas evoluem, vão se desenvolvendo a si próprias, sem que fiquemos na forma da semente. O fruto a ser colhido, entretanto, precisa ser cuidado, amparado, protegido, porque não há como evitar totalmente as intempéries e os contratempos da vida.

Para não estragar o prazer da leitura, saliento que *Uma vida simples* pede-nos mais de uma leitura. Porque, a cada vez, a leitora e o leitor descobrirão por si um detalhe aqui, uma sutileza ali, o que nos mostra o quanto é rica e complexa a história contada neste livro.

Em outras palavras, *Uma vida simples* foge ao simplório, às personagens construídas no caricato, à linguagem contaminada pela agressividade. O cotidiano tem nos mostrado um grau de violência ao qual esta história vem se contrapor, mas sem fugir de temas e de posicionamentos frente às injustiças, à natureza e à vida.

Vó Romena tem uma relação profunda com o seu lugar de origem, Nascente da Prata. Vó Romena é a matriarca que sabe de onde veio e para onde vai. Cabe à leitora e ao leitor descobrir aonde ela vai, de que maneira as suas conexões com a natureza mantêm-se íntegras e como as tradições recebidas são transmitidas.

De forma poética e singelamente a nos encantar, a história de Vó Romena embala-nos com seu ritmo medido,

próprio à reflexão e à autoanálise. Assim, a autora, Maria Bernadete B. de Oliveira, dá-nos o tom de sua voz e, o que mais demonstra a sua capacidade, ela vai narrando sem chamar atenção sobre o modo como conta.

Como veículo de sabedoria, a Vó Romena que nos surge após o ponto final convida-nos a retomar a leitura de *Uma vida simples*.

Portanto, boa leitura!

Luiz Ibiúna, escritor
Praia Grande, agosto de 2019.



O carro parou rente à guia na rua de casas luxuosas, Antonio desceu e abriu o portão de madeira escura. Era a tarde do dia 20 de novembro de 1972.

Vó Romena não podia imaginar que aos oitenta e seis anos ela chegaria a São Vicente, litoral de São Paulo, e que dali em diante seu mundo não ia mais ser o mesmo. Ela se remexeu no banco de trás, o filho lhe estendeu a mão para que pudesse descer.

A viagem de automóvel durou três dias e lhe custou algumas dores nas costas, poderia ter vindo de avião, contudo, afervoradamente, ela se recusou dizendo que não subiria naquilo nem mesmo se fosse para pagar uma promessa.

Ela avistou a bela casa de alvenaria com um grande terraço na entrada. Notando que as pernas fraquejavam numa debilidade que fiascou a visão, apoiou-se na lataria do carro, e, então, pediu ao filho que caminhasse com ela alguns passos até que as pernas estivessem firmes. Ficara tempo demais sentada. Em seguida, levou as mãos à cintura, se aprumando, consertando o corpo levemente sinuoso; e atravessou o espaço com as paredes azulejadas e brilhantes.

A cada passo, a sombra que se desenhava no chão ia acompanhando num bailado vagaroso, divagando de maneira a sentir os novos ares como se estivesse fazendo a travessia

de um pequeno e conhecido riacho e no espelho d'água se formassem pequeninas ondas, numa massa azulada e lenta.

— Mamãe, essa é sua morada de agora em diante — foi o que disse Antonio.

“Um palácio!”, foi o que ela pensou. Teve até medo de pisar em falso, levou a mão à boca. Tudo era luxuoso demais para ela, que, desde que se casou, vivera numa única casa, de madeira, e num lugar único, Nascente da Prata. Naquele povoado, perto da casa, podia ver na transparência da água o que brotava borbulhante no fundo da escavação feita por um colonizador. A água trazia das profundezas um tipo de cascalho que soltava fagulhas, era porque a luz do sol fazia brilhar intensamente, quase cegando quem tentasse fixar o olhar nas purpurinas que rodavam na água até se assentarem no fundo. Dessa forma, o recanto, quase esquecido naquele recôndito, fora assim batizado de Nascente da Prata.

— Que bela casa você tem, meu filho!

E que bom ter um filho próspero que saiu cedo de casa, buscou seu próprio caminho. Naqueles últimos dias, enquanto viajavam, tantas coisas foram ditas entre mãe e filho. Ele falou de sua preocupação de ela estar sozinha, longe dele; contudo, ela mais ouvia que falava quando o assunto era a vinda dela. Soltava mesmo a fala quando se tratava de recordar os dias de menino do filho e anos vividos ao lado de Joaquim, o marido.

Por precaução, ela viajou no banco traseiro do carro, foi um pedido dele; tinha mais espaço para ela movimentar as pernas, ou se recostar quando quisesse. Houve quem dissesse que ela não suportaria viajar, sair do interior do

Espírito Santo, era distante demais, e que Antonio estava cometendo uma loucura, trazendo-a de tão longe.

Mas ali estava ela, no estado de São Paulo, na cidade de São Vicente, na casa do filho.

Não aceitou vir de avião; para ela só os pássaros foram feitos para voar. E desses entendia bem, pois até se assustava nos instantes em que eles sobrevoavam sua cabeça em voos plainados, quando ela, distraidamente, andava por entre as plantações colhendo as batatas-doces. As ramas se emaranhavam e ela caminhava por entre elas, com as mãos até encontrar onde as raízes se localizavam. Também, às vezes por horas, andava e tocava nas espigas de milho e sentia o relevo dos grãos tomando forma dentro das espigas. E elas pareciam bonecas de cabelos brilhantes e compridos. Esvoaçantes.



2

Há dois anos, o marido Joaquim falecera, e desde então Antonio tentava trazê-la para junto da família dele, até que, resoluto, não mais lhe deu opção. Não era mais possível deixá-la sozinha tão longe.

Ao colocar os pés na entrada da casa do filho, ela cobrou de si mesma que poderia ter sido mais firme e ter-lhe dito antes da partida: “Não sairei daqui”. Contudo, não o fizera.

Num instante de inflexão, se viu menina, num tempo que ia longe, e refez a linha do seu mensurado tempo: passou à moça, casou e teve Antonio, único filho; ainda que tivesse desejado outros; não vieram. O filho cresceu e escolheu viver em outro lugar, longe de Nascente da Prata.

E quando assistia à pobreza das outras mães e suas proles caminhando sob o sol ardente em busca de uma raiz ou um punhado de grãos, ela compreendia que fora uma mulher redimida pelo destino, este, que talvez quisera de algum modo poupá-la de um fardo mais pesado, porque a sua pobreza ela conhecia bem e aprendeu a conduzi-la de maneira amainada.

Plantou-se de si mesma e permitiu que os pés criassem raízes; e nunca pensou viver em outro lugar. Os dias se findariam onde nascera, porque Nascente da Prata era o lugar

“Ela voltou! Voltou para se fundir com a terra, com a água e com as folhas caídas da árvore que alimentariam as raízes, para que na nova estação ela renascesse.

As plantas que rodeavam a casa estavam murchas, algumas ressequidas. Uma enorme teia descia no portal e tomava metade dele. A aranha, em posição de ataque, mirava fixamente naqueles que ela pensava serem intrusos em seu reino.”

